



DISCURSOS EM IMAGEM: PRODUÇÃO DE SENTIDO PEDAGÓGICO NO CARTUM SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Eixo 02 - Educação, Comunicação: fundamentos e teorias

José Pereira de ASSIS FILHO¹

RESUMO

Este artigo propõe uma análise discursiva de um cartum que tematiza a prática pedagógica no contexto escolar, com o objetivo de compreender de que maneira os conceitos de interdiscurso e memória discursiva operam na construção do Discurso Pedagógico (DP) em um cartum que tematiza a prática pedagógica no contexto escolar. Fundamentada na Análise do Discurso (AD) de linha francesa, esta investigação parte do pressuposto de que os sentidos não são dados, mas produzidos historicamente por meio da ideologia e das condições de produção. O cartum, enquanto materialidade imagético-textual, permite identificar como o discurso pedagógico se articula às formações discursivas que o sustentam e o atualizam, evidenciando mecanismos de reprodução, silenciamento e resignificação no espaço escolar. A análise revela que o DP, mesmo quando revestido de intenções positivas, opera sob a lógica do autoritarismo institucional. A materialidade analisada evidencia os efeitos de sentido produzidos pela escola como aparelho ideológico do Estado, reafirmando posições hierárquicas e delimitando o dizer docente. Além disso, os resultados obtidos possibilitam a projeção de investigações futuras em torno de novas materialidades pedagógicas e contextos discursivos escolares. Para sustentar nossos gestos analíticos, recorreremos às contribuições de autores como Pêcheux (1995, 2006), Orlandi (2003, 2020), Indursky (2017), Cyrre (2014), Mittmann (2007), Freire (1996), Nunes e Vinhas (2022), Ribeiro (2023), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso Pedagógico; AD; Interdiscurso e Memória; Cartum.

ABSTRACT

This article proposes a discursive analysis of a cartoon that addresses pedagogical practice in the school context, with the aim of understanding how the concepts of interdiscourse and discursive memory operate in the construction of Pedagogical Discourse (PD) in a cartoon that addresses pedagogical practice in the school context. Based on French Discourse Analysis (DA), this investigation assumes that meanings are not given, but rather produced historically through ideology and conditions of production. The cartoon, as an image-textual materiality, allows us to identify how pedagogical discourse is articulated with the discursive formations that support and update it, evidencing mechanisms of reproduction, silencing and resignification in the school space. The analysis reveals that PD, even when covered by positive intentions, operates under the logic of institutional authoritarianism. The materiality analyzed highlights the effects of meaning produced

¹ Mestrando em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); Professor da Educação Básica; Atua nas redes públicas municipal de Olinda e estadual de PE; Graduado em Letras pelas Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão (FAINTVISA) e pós-graduado em Língua Vernácula pela Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO) - Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação: fundamentos e teorias; e-mail: jose.filho@edu.olinda.pe.gov.br



by the school as an ideological apparatus of the State, reaffirming hierarchical positions and delimiting the teaching discourse. Furthermore, the results obtained allow the projection of future investigations around new pedagogical materialities and school discursive contexts. To support our analytical gestures, we draw on the contributions of authors such as Pêcheux (1995, 2006), Orlandi (2003, 2020), Indursky (2017), Cyrre (2014), Mittmann (2007), Freire (1996), Nunes and Vinhas (2022), Ribeiro (2023), among others.

KEYWORDS: Pedagogical Discourse; AD; Interdiscourse and Memory; Cartoon.

1. INTRODUÇÃO

A linguagem, dentro da perspectiva da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, é compreendida como um processo constitutivo da realidade social e ideológica, não se reduzindo a uma simples transmissão de informações. Desse modo, “a linguagem está para além de ser concebida como simples transmissora de informações; contudo, busca realizar a devida mediação entre o homem e a realidade natural e social” (Orlandi, 2020). Dentro desse campo teórico, os conceitos de interdiscurso e memória discursiva são fundamentais para compreender como os sentidos são construídos e reproduzidos em diferentes formações discursivas.

Segundo Indursky (2017, p. 77), o texto deve ser compreendido “como um espaço discursivo, não fechado em si mesmo, pois ele estabelece relações não só com o texto, mas também com outros textos e com outros discursos”. Assim, os sentidos não se constituem exclusivamente no interior do texto analisado, mas emergem em articulação com elementos exteriores ao discurso, “com as condições de produção que incluem o contexto sócio-histórico e ideológico” (Ribeiro; Lima, 2023, p. 5399). É nesse entrecruzamento entre texto, discurso e contexto que se torna possível, inclusive, “ao interpretar a imagem projetar outras imagens, cuja materialidade não é da ordem da visibilidade, mas da ordem do simbólico e do ideológico” (Souza, 2015, p. 72).

O presente artigo tem como objetivo geral compreender de que maneira os conceitos de interdiscurso e memória discursiva operam na construção do Discurso Pedagógico (DP) em um cartum que tematiza a prática pedagógica no contexto escolar.

O DP, conforme argumentado por Orlandi (2003, p. 17), ao dizer que “a escola é a sede do DP”, é historicamente caracterizado por uma estrutura autoritária, sustentada por instituições que regulam e normatizam a produção de sentidos no espaço escolar. A escola, enquanto aparelho ideológico de Estado (Althusser, 1974), configura-se como um espaço de reprodução de valores e práticas que reforçam a hierarquia entre professor e aluno. Nesse contexto, é relevante questionar:



de que maneira os conceitos de interdiscurso e memória discursiva operam na construção do Discurso Pedagógico no cartum analisado?

Para isso, o estudo se ancora na teoria da Análise do Discurso (AD) francesa, cuja abordagem permite interpretar os efeitos de sentido presentes no discurso pedagógico a partir das relações entre interdiscurso e memória. O interdiscurso, segundo Orlandi (1992), é o conjunto de discursos já ditos que atravessam toda nova enunciação. Dessa forma, um discurso nunca é produzido de forma isolada, mas sempre em relação a discursos anteriores e exteriores ao sujeito enunciador. A memória discursiva, por sua vez, refere-se àquilo que, diante de um novo texto ou enunciado, reativa sentidos já estabelecidos historicamente (Pêcheux, 1999). No contexto escolar, essas dinâmicas tornam-se evidentes na manutenção de discursos pedagógicos que reforçam estruturas hierárquicas e práticas de ensino normativas. Não por acaso, os “cartuns descrevem fatos do cotidiano”, o que os torna materialidades privilegiadas para leitura discursiva de práticas escolarizadas (Cyrre, 2014, p. 23).

O cartum, enquanto gênero imagético e textual, é um espaço privilegiado para a análise discursiva, pois articula elementos verbais e não verbais de forma crítica e humorística (Cyrre, 2014). Essa característica permite explorar como o DP se manifesta, seja de forma explícita ou implícita, na materialidade analisada.

Para orientar o percurso analítico deste estudo, organizamos o artigo em cinco seções, incluindo-se esta introdução. Na segunda seção, discorreremos sobre a materialidade escolhida — o cartum — e sua pertinência para a análise discursiva. A terceira seção apresenta os procedimentos metodológicos adotados, situando o gesto de análise. Na quarta seção, realizamos a análise e interpretação do cartum, enfocando os efeitos de sentido que atravessam o discurso pedagógico. Por fim, nas considerações finais, retomamos os principais apontamentos da análise, destacando suas implicações no campo educacional e discursivo.

2. O CARTUM COMO MATERIALIDADE DISCURSIVA: CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO E SENTIDO

Com frequência, os gêneros imagéticos do cartum e da charge são confundidos, sobretudo em espaços de circulação midiática e pedagógica. Ambos possuem características comuns: geralmente veiculados em jornais e revistas — físicos ou digitais —, fazem uso do humor e da sátira para criticar ou ironizar uma determinada situação, sujeito ou instituição (Cyrre, 2014;



Vinhas; Galvão, 2017). No entanto, é fundamental delimitar suas distinções para compreender com precisão a materialidade eleita para este estudo.

Etimologicamente, a palavra *cartum* deriva do inglês *cartoon*, termo utilizado inicialmente para designar esboços em papelão destinados à produção de murais ou tapeçarias. Seu uso moderno, no entanto, consolidou-se na década de 1940 com a revista *Punch*, considerada a mais antiga publicação de humor do mundo, e que popularizou o *cartum* como gênero crítico e satírico (Cyrre, 2014). Diferente da charge, que se ancora em eventos datados e personagens públicos facilmente identificáveis, o *cartum* apresenta um caráter mais atemporal e simbólico, podendo ser interpretado em diferentes momentos históricos e contextos socioculturais. A atemporalidade, portanto, o torna particularmente potente como objeto de análise discursiva, pois permite o atravessamento de sentidos de maneira mais ampla e menos presa a um acontecimento imediato.

As distinções também se expressam nos traços gráficos. A charge tende a utilizar caricaturas marcadas, enquanto o *cartum* pode explorar formas mais genéricas e simbólicas. Essa diferença reforça a sua longevidade interpretativa e sua capacidade de aludir a práticas sociais estruturais, como é o caso do discurso pedagógico analisado neste artigo. Por não depender de figuras públicas específicas ou de acontecimentos pontuais, o *cartum* que tomamos como *corpus* evidencia práticas institucionais recorrentes, como a vigilância e o controle da atividade docente no espaço escolar.

Além disso, o *cartum* permite explorar a linguagem verbal e não verbal em sua articulação com efeitos de sentido. Segundo Authier-Revuz (1990), os discursos são sempre atravessados por outros dizeres, ou seja, habitados por enunciados anteriores que contribuem para sua constituição. É nesse entrelaçamento que o *cartum* se revela como uma rica materialidade discursiva, apta a explicitar os mecanismos pelos quais o Discurso Pedagógico se reproduz e se reconfigura em função da memória e do interdiscurso.

Diante desse panorama, compreende-se por que o *cartum* foi eleito como *corpus* de análise de nosso estudo. Sua estrutura híbrida, atemporalidade e capacidade de condensar críticas sociais o tornam um suporte eficaz para evidenciar os efeitos de sentido do Discurso Pedagógico no ambiente escolar. A seguir, detalhamos os procedimentos metodológicos adotados para a construção dos gestos analíticos que sustentam esta investigação.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



A escolha metodológica deste estudo está ancorada na perspectiva da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, a qual compreende a linguagem como atravessada pela ideologia e constitutiva da subjetividade. O *corpus* delimitado é um cartum (Figura 1) que aborda a prática pedagógica no ambiente escolar, publicado em 25 de maio de 2011 no site Sovaco de Sapo, atribuído a um autor identificado como Sandro Timm. Embora contenha a assinatura “Bruce”, não se pôde confirmar sua autoria pelo cartunista norte-americano Bruce Beattie ou se se trata de uma adaptação de sua obra. Independente da autoria, o que mobiliza nossa atenção são os sentidos produzidos na materialidade e os efeitos discursivos que ela suscita a partir de suas condições de produção.

Figura 1 – Cartum “O ensino ontem e hoje”



Fonte: Sovaco de Sapo (2011).

A escolha do cartum apresentado na Figura 1 não se deu de maneira aleatória. Como vimos anteriormente, esse gênero textual e imagético se apresenta como um espaço fecundo para a análise discursiva por sua característica crítica, cômica e condensadora de sentidos sociais. A cena retratada traz uma professora aparentemente encarcerada em sala de aula, sendo observada por uma figura masculina — um avaliador institucional —, enquanto dois alunos desmotivados assistem à aula. A articulação entre elementos verbais e visuais permite que se evidencie o funcionamento do Discurso Pedagógico (DP), especialmente em sua forma autoritária e institucionalizada.

Nosso gesto de análise se orienta pela identificação de formações discursivas que emergem da materialidade, permitindo compreender como certos enunciados e representações sociais são



reativados e ressignificados no contexto educacional. As análises baseiam-se na compreensão de que o discurso é efeito de sentidos produzido por sujeitos históricos, atravessados por ideologias, e que esses sentidos são possíveis em função da memória discursiva e do interdiscurso. Nesse sentido, conceitos fundamentais como o de *formação discursiva*, *condições de produção*, *interdiscurso* e *memória discursiva* orientam nossa leitura teórica e interpretativa.

Como indicam Pêcheux ([1969] 2014) e Orlandi (2003), não há neutralidade na linguagem. Os discursos carregam marcas de sua história, e os sujeitos são interpelados por essas formações discursivas que os constituem. Ao assumirmos esse entendimento, posicionamo-nos não como intérpretes neutros, mas como sujeitos implicados nos sentidos que buscamos compreender. Assim, a análise é também um gesto de interpretação situado, que envolve o analista e sua inserção ideológica e histórica. Como afirma Mittmann (2007, p. 155), “dependendo do recorte teórico-metodológico efetuado pelo analista, diferentes caminhos podem ser percorridos”.

Nesse contexto, torna-se relevante considerar que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina” (Pêcheux, 1995, p. 214), o que implica reconhecer que os sujeitos não são origem do que dizem, mas posicionados discursivamente por formações que os antecedem.

Dessa forma, a metodologia adotada nesta pesquisa não busca descrever o cartum como objeto isolado, mas interpretá-lo como acontecimento discursivo inserido em uma rede de dizeres. É nesse sentido que nossa análise se constrói: a partir da articulação entre teoria, materialidade e gesto de interpretação, com base nos princípios da AD materialista.

Concluimos, portanto, que os procedimentos metodológicos aqui descritos oferecem as ferramentas necessárias para compreender os efeitos de sentido produzidos na materialidade analisada. A seguir, partimos para a seção de análise e interpretação do cartum, com o intuito de examinar como o Discurso Pedagógico se manifesta, se reproduz e se tensiona nas formas simbólicas presentes na cena representada.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO DISCURSO PEDAGÓGICO NO CARTUM

Iniciamos nosso gesto analítico com base nos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, particularmente nos ensinamentos de Pêcheux (1995), ao compreendermos que o sentido de uma palavra ou expressão não reside “em si mesmo”, mas é determinado por posições



ideológicas que se inscrevem nas condições sócio-históricas de produção do discurso. Em outras palavras, a significação não está nos signos de forma isolada, mas nos atravessamentos ideológicos que os constituem em uma dada formação discursiva.

Pêcheux ([1969] 2014) afirma que não se pode considerar um discurso como simples transmissão de informações; ele é, sobretudo, um efeito de sentidos. Tal concepção orienta nossa leitura do cartum, que apresenta uma professora encarcerada — uma imagem potente que simboliza o controle do aparelho ideológico de Estado (AIE), representado pela escola. A representação imagética mostra uma educadora presa atrás de grades, sendo avaliada por um agente institucional que observa sua atuação com uma ficha avaliativa em mãos. O discurso visual, nesse caso, já nos remete à compreensão de que a atividade docente encontra-se, ali, capturada por um dispositivo de regulação e vigilância, o que denota o funcionamento do Discurso Pedagógico (DP) sob a lógica autoritária.

Nesse contexto, a escola é tomada como um AIE que, conforme Althusser (1974), tem por função a reprodução da ideologia dominante. Essa função se realiza por meio da interpelação dos sujeitos em determinadas posições ideológicas. Orlandi (2003) corrobora essa leitura ao afirmar que o espaço escolar funciona como um lugar privilegiado de circulação do DP, sustentado por valores institucionalizados que reforçam uma estrutura hierárquica entre professor e estudante.

No cartum analisado, percebemos que a professora está submetida a esse processo de interpelação: sua posição de fala não é livre, mas determinada pelas condições de produção e pelas formações discursivas que a antecedem. Esse aspecto é central para compreendermos a atuação da memória discursiva e do interdiscurso no funcionamento do DP. Ao se deparar com a cena, o leitor é levado a reconhecer, ainda que de maneira não consciente, uma série de discursos anteriores que atravessam a imagem: discursos sobre controle, avaliação, ensino normativo e vigilância institucional.

De acordo com Pêcheux,

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita. (Pêcheux, 1999, p.49).

Isso quer dizer que a memória discursiva age na leitura do enunciado como aquilo que restabelece os implícitos — ou seja, os sentidos já ditos, que voltam a operar quando um novo discurso emerge. A cena do cartum reativa esses sentidos: a avaliação da professora, o olhar



fiscalizador do agente externo e o desinteresse dos alunos são todos elementos que operam como efeitos de sentidos ancorados em discursos institucionalizados sobre ensino, aprendizagem e autoridade pedagógica.

Avesso a esta ideia de escola permeada de práticas autoritárias, Freire (1996, p.123) assegura que, não fugindo “à responsabilidade de intervir, de dirigir, de coordenar, de estabelecer limites, o diretor não é, na prática realmente democrática, o proprietário da vontade dos demais”. Essa contraposição reforça a crítica implícita no cartum e sustenta a necessidade de tensionarmos os sentidos cristalizados no DP.

A esses efeitos somam-se os sentidos mobilizados pelo interdiscurso, conceito desenvolvido por Orlandi, ao dizer que

O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciator. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso (Orlandi, 1992, p. 89-90).

Fica claro, no dizer da autora, que o interdiscurso pode ser compreendido como o conjunto de discursos já ditos e que constituem o dizível, capazes de atravessar qualquer nova formulação discursiva. O cartum, portanto, é lido não apenas pelo que explicita, mas também pelos discursos que convoca. O encarceramento da professora, por exemplo, atualiza discursos sociais e históricos sobre o cárcere como forma de punição, contenção, vigilância e silenciamento. Nesse sentido, o interdiscurso estabelece pontes entre o campo educacional e o campo jurídico-social, revelando como o DP se constrói por meio de metáforas que reforçam a ideia de autoridade, submissão e normatização.

A presença do agente avaliador, figurado como um homem idoso de aparência conservadora, intensifica esse efeito. Ele simboliza a tradição, o poder institucional e o olhar hierarquizado sobre o fazer pedagógico. Em suas mãos, a ficha de avaliação opera como um dispositivo de controle, que mede e regula o desempenho da professora segundo critérios pré-estabelecidos, alinhados à lógica dos currículos normativos e das avaliações padronizadas. É nesse cenário que a linguagem se torna um instrumento de controle, e o discurso do professor se restringe à reprodução do saber legitimado, esvaziando-se de possibilidades críticas e transformadoras.



O espaço da sala de aula, portanto, é representado como um lugar de aprisionamento simbólico, onde a prática pedagógica é vigiada, normatizada e submetida a regimes de controle discursivo. Os estudantes, por sua vez, aparecem desmotivados, apáticos, ocupando o papel de receptores passivos — outro efeito do DP autoritário que nega o diálogo e a construção coletiva do conhecimento. Nesse ponto, a teoria de Freire (1996) é mobilizada para tensionar essa lógica. O autor defende que a escola deve ser um espaço de liberdade, de construção crítica e de respeito aos sujeitos que nela atuam. Ao contrário disso, o cartum evidencia uma escola em que o professor é cerceado e os alunos são silenciados, compondo um cenário que nega a autonomia e o diálogo pedagógico.

É nesse cenário simbólico que a metáfora do cárcere ganha força: ela não se refere apenas à privação física da liberdade, mas ao aprisionamento ideológico do discurso docente, capturado por um sistema que exige conformidade, normatização e obediência. Nesse sentido, como propõem Nunes e Vinhas (2022), o cárcere também pode ser lido como uma tecnologia de poder, que se infiltra em diferentes instituições sociais com o intuito de disciplinar corpos e regular condutas. O DP, ao operar nessa lógica, age como um discurso autoritário que, mesmo revestido de intenções educativas, limita a ação pedagógica a um conjunto de práticas normativas e reprodutoras.

A atuação da memória discursiva nesse processo é decisiva. Segundo Pêcheux (1999), ela funciona como um “estoque” de sentidos que se atualizam conforme as condições de produção. Ao olhar a imagem do cartum, os sentidos do cárcere, do controle institucional, da prática docente cerceada, são ativados como efeitos da memória discursiva. Essa atualização não é aleatória, mas determinada por formações discursivas que inscrevem o professor como sujeito de um discurso previamente delimitado e controlado.

Além disso, a própria estrutura imagética do cartum contribui para essa produção de sentido. O humor, o exagero gráfico, a simplicidade dos traços e a ausência de elementos que contextualizem a cena em um tempo específico, conferem à imagem um caráter atemporal que favorece a generalização das críticas. Não se trata de um caso isolado ou de uma denúncia pontual: o cartum explicita uma estrutura discursiva que atravessa o cotidiano escolar em diferentes contextos. Essa atemporalidade dialoga com a própria natureza do cartum como gênero discursivo, conforme discutido anteriormente, reforçando sua pertinência como *corpus* de análise.

Ainda nesse movimento analítico, é importante observar que o discurso da professora não é diretamente verbalizado no cartum — sua voz está ausente. Essa ausência pode ser lida como um



apagamento discursivo, um efeito do silenciamento que o DP impõe ao sujeito docente. Sua prática é observada, avaliada e controlada, mas sua palavra não é escutada. Trata-se de um sujeito discursivo que atua sob a vigilância de um olhar externo e que, por isso, não dispõe de liberdade plena para construir seu próprio dizer.

Em contrapartida a esse modelo autoritário, Freire (1996) defende uma concepção de gestão escolar baseada na escuta, no diálogo e na valorização da diversidade de vozes. Ele afirma que o diretor não pode ser o “proprietário da vontade dos demais”, pois a escola democrática exige o reconhecimento da pluralidade de sujeitos e de discursos que nela circulam. Essa contraposição reforça a crítica implícita no cartum e sustenta a necessidade de tensionarmos os sentidos cristalizados no DP.

O interdiscurso, por sua vez, é acionado de forma intensa na imagem do cárcere. Como destacam Nunes e Vinhas (2022), há diferentes discursos sociais que constroem sentidos sobre o aprisionamento: como forma de controle social, como medida pedagógica de reeducação, como violação de direitos, como custo econômico ou como justiça. No cartum, os sentidos mais evidentes são os do cárcere como controle e como privação de liberdade. A professora está encarcerada, não por crime cometido, mas por exercer sua prática em um contexto regulado por normas institucionais rígidas. Essa representação remete à noção de que o espaço escolar atua como um campo de disciplinamento e regulação ideológica.

Por fim, ao compreendermos o funcionamento discursivo do cartum, é possível perceber que o discurso pedagógico ali configurado não é neutro, mas carregado de efeitos ideológicos que moldam o dizer e o fazer docente. O DP opera como um discurso autoritário que define o lugar de fala dos sujeitos, silencia vozes dissonantes e reforça estruturas de poder. Essa leitura crítica nos permite pensar em possibilidades de deslocamento, de resistência e de construção de práticas educativas mais dialógicas, emancipadoras e comprometidas com a transformação social.

Diante de todos esses elementos, esta análise buscou evidenciar como os mecanismos de interdiscurso e memória discursiva atuam na construção do DP no cartum analisado, revelando os efeitos ideológicos que sustentam a prática pedagógica institucionalizada. A seção seguinte apresenta as considerações finais desta investigação, nas quais serão retomados o objetivo geral e a pergunta de pesquisa, além de indicadas possibilidades para pesquisas futuras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Retomando o objetivo geral deste estudo — compreender de que maneira os conceitos de interdiscurso e memória discursiva operam na construção do Discurso Pedagógico (DP) em um cartum que tematiza a prática pedagógica no contexto escolar — e a pergunta de pesquisa que o orienta — de que maneira os conceitos de interdiscurso e memória discursiva operam na construção do Discurso Pedagógico no cartum analisado? —, podemos afirmar que os dados analisados permitiram demonstrar que o DP opera sob uma lógica autoritária, sustentada por condições de produção ideológicas e históricas, nas quais o discurso docente é regulado, avaliado e silenciado.

A imagem selecionada desperta sentidos cristalizados na memória discursiva e convoca discursos exteriores que configuram a prática pedagógica como espaço de vigilância e normatização. As representações presentes na materialidade analisada revelam que o discurso pedagógico não apenas organiza o dizer docente, mas também contribui para a constituição de subjetividades e lugares de fala no contexto escolar.

Além de alcançar os objetivos propostos, os achados desta pesquisa apontam para a possibilidade de novos desdobramentos investigativos. Estudos futuros poderiam, por exemplo, explorar outras materialidades discursivas (como charges, memes, cartazes institucionais ou vídeos educativos) que tematizem o espaço escolar, com o intuito de compreender a persistência ou a transformação dos efeitos de sentido do DP em diferentes suportes e condições de produção. Também seria pertinente investigar o funcionamento do discurso pedagógico em situações de formação docente, em políticas públicas educacionais ou em ambientes digitais.

Dessa forma, o cartum analisado, ao mobilizar os conceitos de interdiscurso e memória discursiva, expõe os efeitos de sentido que mantêm o discurso pedagógico em sua forma autoritária. Ao mesmo tempo, convida à resistência e à reinvenção da prática educativa, apontando para a urgência de se construir espaços escolares mais abertos, democráticos e sensíveis às múltiplas vozes que ali ecoam e ajudam a constituir o cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideología y aparatos ideológicos de Estado**. Tradução: Alberto J. Pla. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1974.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de estudos linguísticos**, v. 19, p. 25-42, 1990.



CYRRE, Magda Lourenço. A leitura de cartuns sob a perspectiva da AD francesa. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, nº 48, p. 22-36, junho de 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP. Paz e Terra, 1996.

INDURSKY, Freda. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, Eni; LAGAZI-RODRIGUES, Suzy (orgs) **Discurso e Textualidade**. 3ª ed. Pontes Editores: Campinas, 2017. Cap. 2 p. 37 – 88.

MITTMANN, Solange. Discurso e Texto: na pista de uma metodologia de Análise. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs). **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 153 – 162.

NUNES, Gabriela Coelho; VINHAS, Luciana Iost. Violência de Estado, aprisionamento e subjetivação: análise discursiva de enunciados em paredes de presídio. **Revista Memorare**, v. 9, n. 2, p. 3-15, 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4ª ed., 3ª reeimpresão, Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 13ª ed, Pontes Editores, Campinas, SP. 2020.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Campinas (SP): Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux . Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014 [1969]. p.61-162.

RIBEIRO, Ana Cláudia Dias; LIMA, Paola E. R. de Sousa Um olhar discursivo em textos imagéticos: algumas possibilidades. **Cuadernos De Educación Y Desarrollo**, Portugal, v.15, n.6, p. 5389-5399, 2023.

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **RUA**, Campinas, SP, v. 7, n. 1, p. 65–94, outubro de 2015.



SIMEDUC

12º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação
3º Fórum Permanente Paulo Freire

22 a 24 de outubro de 2025

ISSN: 2179-4901

SOVACO DE SAPO. **Cartum: “O ensino ontem e hoje”**. [Figura 1]. 2011. Disponível em: <http://www.sovacodesapo.com.br/2011/05/cartoon-o-ensino-ontem-e-hoje.html>. Acesso em: 29 maio 2024.

VINHAS, Luciana lost; GALVÃO, Andrêssa dos Santos. Imagem e resistência no cartum pelo olhar da análise de discurso: uma reflexão a partir de um texto sobre Aylan Kurdi. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, nº 52, p. 182-198, janeiro de 2017.